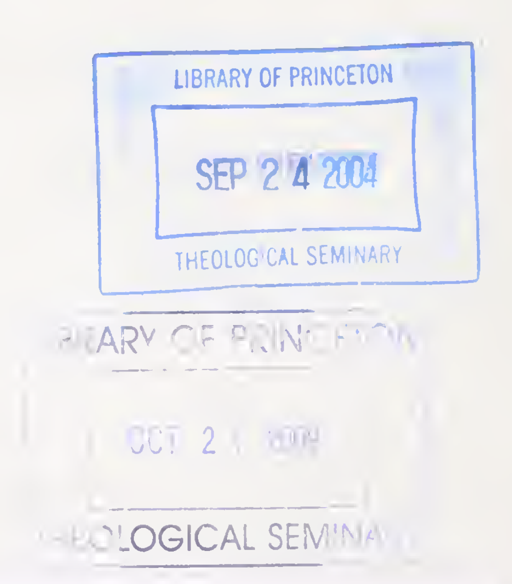



LIBRARY OF PRINCETON
SEP 24 2004
THEOLOGICAL SEMINARY







JUVENTUDE EVANGÉLICA

Nº 2
Ano 6
1959

Meditação:

NOMES — NÃO ALGARISMOS

Engrandeceste o teu nome acima de tudo por tua palavra!
(Ps. 138, 2)

Em uma viagem de estudos, um grupo de alunos ouviu dentro das paredes frias de uma prisão o relatório do pastor que lá trabalhava entre os detentos.

Contava sôbre um prêso que fazia tudo para não ser chamado pelo seu nome. Êle queria ser interpelado sempre conforme o seu número. Descendia de uma família muito conhecida e de relevante posição social, e era lhe impossível ouvir aquêle nome em uma prisão, lembrando sempre sua culpa, e trazendo a mácula e a má impressão para o seu nome.

O contrário temos, se saímos à noite, aos centros das nossas cidades. Um após outro resplandecem os grandes placards luminosos. Gastam-se grandes quantidades em dinheiro, para chamar a atenção dos transeuntes com figuras das mais diversas côres e tamanhos.

Interessante! Uma vez vemos homens que tudo experimentam para dar relêvo e realce ao seu nome e ao de suas fábricas. Por outra vez, há homens que experimentam tudo para fazer desaparecer o seus nomes.

Também Deus tem um nome! E Êle não o conserva para si, mas nô-lo presenteia, dando-nos assim a possibilidade de entrar em comunhão com Êle, e a Êle orar. — Nós homens podemos usar os nossos nomes dos mais diferentes modos. Podemos trazer culpa sôbre o nosso nome, com êle poderemos fazer propaganda. Podemos até estar envergonhados com o nosso nome, mas também ser orgulhosos dêle. Deus porém age com o seu nome de uma maneira completamente diferente.

Êle gravou o seu nome eternamente na grande obra da criação. Lá nós poderemos lê-lo: PAI TODO-PODEROSO, CRIADOR DO CÉU E DA TERRA. Êle o gravou na vida, morte e ressurreição do seu filho Jesus Cristo. Também lá podemos ler o seu nome: SENHOR E SALVADOR. E hoje em nossos dias êle escreve o seu nome na vida e história da sua igreja. Mas como leremos agora o seu nome? — Só poderás fazê-lo se ouves a sua palavra e pertences a sua igreja.

M. Reusch

Conheça êste homem :

ENTREVISTANDO UM AMERICANO

Tínhamos resolvido que a entrevista seria em alemão, a fim de repórter e entrevistado se entendessem em idioma extrangeiro. Note-se que o Pastor Steward Hermann fala, além do inglês, sua língua materna, alemão e espanhol fluentemente.

Como seria um pastor americano? Difícil de prever. Tivemos a resposta, quando o vimos atravessando a rua, alto e desempenado, ao lado do Pastor Neisel (responsável pelo trabalho evangélico entre os universitários gaúchos). Apresentações, cumprimentos. E finalmente acomodados frente a frente, numa sala do Centro Evangélico de Pôrto Alegre.

O Pastor Steward Herman nasceu há quase 50 anos atrás em Pensilvânia. Não precisa estudar a resposta para nossas perguntas. Ou será que todo mundo faz as mesmas perguntas hoje em dia? Queríamos saber, por exemplo, qual a sua opinião a respeito da corrente, poderosa por sinal, que diz ser a Missão a mais importante tarefa da Igreja. Steward Herman teve de fazer uma ligeira correção: «A mais importante, ou melhor, a tarefa da Igreja no mundo é a pregação do Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo (Marcos 16, 15). Nos países da América Latina tem-se confundido o sentido da palavra Missão. O que muitos chamam de Missão, não passa de proselitismo. Fala-se em missionar e a verdade é que se está «puxando» os outros para o nosso arraial». O Rev. Steward Herman é autoridade para fazer uma tal afirmação, pois na qualidade de Diretor da Comissão para a América Latina, na Federação Mundial Luterana, tem visitado diversos países latino-americanos, colhendo impressões e fazendo estudos das variadas condições locais. E' a terceira vez que visita nosso país e diz estar impressionado pelo trabalho que aqui se realiza, embora muita coisa ainda reste por fazer. Nossa gigantesca tarefa no Brasil está recém iniciada.

Convidado a dizer alguma coisa que caracterizasse o trabalho da Igreja nos Estados Unidos, disse êle que a Igreja tem seguido a linha de exercer sua influência na vida pública e social. Levar o Evangelho entre todos os setores e convidar as pessoas a viver dentro da comunidade.

Como muitas pessoas, no Brasil têm o estranho costume de viver falando num chamado «problema da língua» entre nós, trouxemos a questão para que nosso entrevistado opinasse a respeito. «Também nos Estados Unidos temos em grau menor, uma situação semelhante. Em algumas Igrejas há elementos imigrantes, para os quais são realizados cultos, na média de um por mês, utilizando-se a língua de origem dos ditos. Os filhos, automàticamente, passam a falar o inglês. Isso é regra geral. A maioria dos imigrantes adota também o inglês, a fim de se integrar mais completamente na nova pátria. O que não se faz é obrigar alguém a estudar uma determinada língua, isto é, que os filhos de ucranianos tenham a obrigação de estudar ucraniano ou que seus pais estrangeiros tenham a obrigação de estudar o inglês, para fins de culto. Pessoalmente, gostaria que qualquer pessoa dominasse três, quatro línguas. Mas para freqüentar a Igreja isso é perfeitamente dispensável».

O Rev. Steward Herman foi pastor da comunidade americana de Berlim, durante os cruciantes acontecimentos políticos entre 1939 e 1941. Atualmente, quando não em viagem, exerce suas funções em Nova Iorque.

BRENO

Escreve o Leitor

O professor primário Ingo Voese, que leciona atualmente na Escola Evangélica Tiradentes, em Campo Bom, tendo lido em um dos números da Revista que a direção da mesma esperava colaborações dos leitores com referência aos artigos publicados, envia-nos sua opinião, que abaixo transcrevemos, sôbre:

A PENA DE MORTE

Quem leu o jornal nêstes últimos mêses, certamente terá lido que em Cuba está se procedendo a um fuzilamento contínuo de partidários do antigo govêrno. Em princípio o mundo não deu muita atenção a isto, mas depois que o número de fuzilados alcançou as centenas, apareceram manifestações contrárias em todos os cantos da América e do mundo. Formaram-se então duas correntes: uma que condenava a atitude dos cubanos vitoriosos e a outra que a defendia.

Sim, fàcilmente podem surgir duas opiniões. Vejamos: há justiça em executar alguém que cometeu algum crime? E' acertada a pena de morte instituida em certos países? Se analisarmos a vida nêsses países, veremos que a onda de crimes continua aumentando sempre, apesar da instituição da pena capital. Que resultados trouxe ela? Nenhum.

Certamente, o mau elemento na sociedade merece o devido castigo. Alguém que só tem em mente praticar o mal, justamente deve ser excluido da sociedade. Mas tem o homem o direito de julgar e matar êste indivíduo? O que nos diz a Bíblia a respeito? Sim, caro leitor, nela lemos claramente que não devemos matar. Está ai a resposta de Deus e quem quiser respeitá-la, terá que concordar que não é justo que o homem, com suas próprias mãos, afaste a «erva daninha» da «vinha do Senhor». «A erva crescerá junto com os bons frutos e o Senhor os separará».

E no caso de guerra, onde temos a obrigação de matar, devemos negar-nos a fazê-lo? Poderíamos justificar o ato de matar, dizendo que estamos cumprindo o dever de defender a própria pátria. Sim, o amigo leitor, poderá dizer que o caso da pena de morte e da guerra são muito semelhantes, porque ambos procuram defender a sociedade.

Entretanto na sociedade não seria necessário usar o meio extremo para afastar os criminosos. E para impor respeito já vimos que esta medida de nada adianta. Para que então a pena de morte?

Se lermos a Bíblia em João 8, 1-11, veremos que nesta história, no versículo 7, Jesus ataca aquêles que querem matar o pecador, no caso, a mulher adúltera, dizendo: «Aquêle que entre vós está sem pecado, seja o primeiro que atire a pedra contra ela».

E dai? Quem de nós está em situação de condenar à morte? Quem? Ninguém? Então curvemo-nos diante do mandamento de Deus «não matarás» e deixemos que Êle, na sua infinita sabedoria, tire a «erva má» da Sua «vinha», quando o achar necessário, pois se foi Êle que a colocou no mundo, também do mundo a tirará. Lembremo-nos do que o Apóstolo Paulo diz na carta aos Romanos 2, 1: «Portanto, és inescusável, quando julgas, óh homem, quem quer que sejas, porque te condenas a ti mesmo naquilo em que julgas a outro, pois tu que julgas, fazes o mesmo».

A CONQUISTA DO ESPAÇO

Lembro-me ainda bem, como no sábado, dia 5 de Outubro de 1957 o Repórter Esso transmitia contìnuamente a notícia sensacional: «Moscou urgente: A agência Tass em transmissão extraordinária divulgou pela Rádio de Moscou que os russos lançaram ao espaço um satélite artificial, chamado Sputnik, que numa velocidade de quase 30.000 km. por hora, está voando em redor da nossa terra numa altura média de 700 km. . . .». Todos ficamos admirados e a imaginação criou asas: «surgiu a era do espaço — agora voaremos até a Lua, depois à Marte e então pelo universo afora».

Passaram poucos dias e os comunistas, delirantes pelo sucesso científico, proclamavam em alta voz que agora, com o Sputnik, ficou definitivamente provada a «Não-existência de Deus». Um jornal soviético escreveu um artigo com o título: «Não há mais lugar para Deus no mundo». Essas afirmações são semelhantes às de um sapo, que consegue passar de um açúde para um outro, declarando então enfàticamente: eu sempre dizia que não há lugar para navio transatlântico na água.

Esta perspectiva do sapo (Froschperspektive) é própria aos que afirmam: não há mais lugar para Deus no mundo. Será que êles desconhecem as proporções do mundo? O Sputnik e todos os outros satélites lançados ao espaço, são para nós, homens, feitos extraordinários, mas comparados com astros e nebulosas são insignificantes e desaparecem por completo.

Para compreendermos as dimensões e proporções no universo faremos algumas comparações: Se a nossa terra tivesse o tamanho duma casa média de 12 m de diâmetro, então o Sputnik teria o tamanho de um pequeníssimo, quase invisível grãozinho de areia voando numa distância de meio metro em seu redor. O nosso sol (que é. . . . 1.301.00 vêzes maior do que a terra) ficaria então 150 km afastado de nossa casa.

Para chegar perto do nosso sol o Sputnik levaria 208 dias. Para chegar à estrêla chamada Síria levaria 324.000 anos. Para passar pela nossa Via Lactea levaria 3 biliões e 600 milhões de anos. E como vocês sabem a nossa Via Lactea é apenas uma das milhares de nebulosas, que existem no universo. A própria luz, que percorre 300.000 km por segundo precisa milhões de anos para chegar de uma nebulosa a outra. E neste espaço imenso não haverá lugar para Deus? Só porque um pequeno Sputnik gira em redor da terra? Êste magnífico e imenso universo é uma prova da existência de Deus.

Queremos citar umas palavras dos maiores astrônomos:

Copérnico (1473-1543) o «pai da astronomia» que substituiu o antigo sistema geocêntrico pelo atual heliocêntrico; quando em presença dêle alguém mencionava o «sistema de Copérnico», costumava o modesto sábio corrigí-lo, dizendo: «Não o meu sistema, mas a ordem de Deus».

Kepler (1571-1630) evangélico, descreveu as trajetórias elípticas dos planetas. As suas obras científicas são hinos de louvor à grandeza de Deus. «O Pai do universo — exclama Kepler — que foi que vos moveu a exaltardes uma mesquinha criatura terrestre, pois que

ela torna a repensar os vossos penmentos. Repensar os pensamentos de Deus — isto era a idéia sublime, que impulsionava Kepler nos seus trabalhos astronômicos. «Graças vos dou, meu Senhor e Criador, por me terdes dado a alegria da vossa criação. Tenho proclamado aos homens as maravilhas das vossas mãos, enquanto o meu espírito limitado era capaz de compreender o ilimitado da vossa grandeza».

Newton, o príncipe da astronomia e um dos maiores sábios de todos os tempos, filho duma família protestante, profundamente religiosa, descobria sua cabeça respeitosamente sempre quando pronunciava o nome de Deus. Numa obra escreve êle: «a ordem admirável que vigora entre o sol, os planetas e cometas não pode ser senão a lei de um autor sábio e onipotente».

Estas são algumas respostas aos tolos blasfemadores, que clamam «não há mais lugar para Deus no mundo».

Êste universo maravilhoso e magnífico existe, portanto existe também aquêle que o criou, o Onipotente Senhor do Céu e da Terra. Tôdas as estrêlas movem-se em trajetórias determinadas, há inúmeras leis no universo e existe portanto um grande legislador, que é Deus.

«Que majestoso é o teu nome em tôda a terra! Tu que puseste a tua glória nos céus. Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrêlas que formaste; que é o homem para te lembrares dêle?» (Salmo 8) Há diversas maneiras de ver e contemplar o universo. Muitos homens possuem **olhos de boi.** Êstes só pensam numa coisa: o que podem comer.

Outros tem **olhos de sapo,** enchergam uma coisa nova e tiram logo suas conclusões erradas. Outros tem **olhos humanos,** que se alegram sôbre muitas cousas, mas não meditam e pensam. Alguns possuem **olhos cristãos.** Se vemos uma grande obra de arte, uma pintura p. ex. então chegamos bem perto, para ler o nome do artista, que pintou o quadro e inscreveu seu nome no canto direito. Assim o cristão deve passar pelo mundo, sabendo claramente que as obras maravilhosas do universo têm como autor e criador: Deus, que adoramos.

P. GOETZ

(Cont. AQUILO QUE EU NÃO FIZ)

«Não disse um dia que a lua era quadrada para dizer uma semana depois que era redonda, porque tenho uma memória fortíssima».

«Nunca fui despreocupado, indiferente e satisfeito de mim mesmo; nunca pude olhar para o meu rosto, no espêlho, sem uma sensação de vergonha que se insinua».

«Nunca enviei artigos aos jornais a respeito de mim mesmo, nem mandei que os meus secretários o fizessem por mim».

«Nunca aparentei gostar das pessoas que não gostam de mim. Nunca fui blandicioso, polido e desonesto».

E concluindo: «Penso que sou um homem quasi tão moral como qualquer pessoa e que se Deus me amar a metade do que minha mãe me ama, não me mandará para o inferno. Se eu não for para o céu, é que a terra está condenada».

Acampamento de Trabalho no ASILO PELLA

«Não faças isto! Então tu vais sacrificar 10 dias de tuas férias para dar duro lá no Asilo. Comigo não!» — Isso diziam alguns jovens àquêles que se apresentavam. Mas a verdade é que êles foram: 45 moços e moças da Juventude Evangélica de nossa Igreja, 2 visitantes do Espírito Santo e dois dirigentes estiveram no conecido Asilo Pella e Bethania, de 11 à 28 de fevereiro para, num trabalho voluntário, ajudar onde fôsse preciso.

1) **A idéia do Acampamento de Trabalho** e de Treinamento de Líderes não é novo. Surgiu depois da II guerra mundial na Europa e vem sendo praticada desde então pelas organizacões internacionais de estudantes ligadas ao Conselho Mundial de Igrejas. Delas, através o Pastor Neisel, nós aprendemos esta nova forma de trabalho com a mocidade. Já no ano de 1958, quando jovens de todo o Estado trabalharam na escavação do fundamento da Faculdade de Teologia em São Leopoldo, se realizou o 1º dêstes acampamentos da Juventude Evangélica. Houve também diversos acampamentos organizados em todo o Brasil pela Associação Cristã de Acadêmicos, entre os quais alcançou fama o que se realizou nas favelas do Morro da Gamboa no Rio de Janeiro. E' admirável a disposição alegre com que a nossa mocidade seguiu o convite para êste segundo acampamento da J.E. O Vice-dirigente do mesmo, Rolf Sporket, funcionário da Caixa Econômica de Novo Hamburgo, empregou todo o seu mês de férias para trabalhar no Asilo. E daquêles



que foram não ouvi ninguém que se tivesse arrependido de ter ido lá.

2) **O Asilo.** Creio que todos os nossos leitores já conhecem o Asilo Pella e Bethania de nome, situado a 5 kms de Taquari, numa colina à beira-rio. Muitos já fizeram doações, outros já o visitaram pessoalmente. Mas para compreender o que significa um tal asilo não basta ficar do lado de fora, mas é preciso viver algum tempo lá, meter a mão na miséria e sentir a sorte daquêles, que lá vivem. Os mais maduros dos jovens o têm experimentado e aprenderam a dar graças a Deus pela saúde e o ambiente caseiro sadio que têm. No entanto nós só ficamos poucos dias e só ajudamos um pouco, e depois fomos embora. Mas aquêles que ali vivem por anos e os que dia após dia arcam com a responsabilidade do bem-estar das 250 vidas (160 velhos e 90 crianças) que lá se encontram: o sr. Meuler e os outros, o Dr. M. Haetinger e a diretoria da Sociedade Evangélica de Asilos! Vimos também muito espírito de sacrifício, amor e alegria daquêles que sabem



que não servem em vão. Nós, porém, não os devemos deixar sós para que não se cansem, nem lhes faltem os meios neste trabalho entre os mais humildes e desamparados. Numa noite, quando o sr. Mueller, diretor interno, nos falou sôbre as necessidades do Asilo, eu fiz uma lista, não oficial, é claro, daquilo o que resta fazer e que transcrevo aqui, para que nós continuemos a ajudar.

3) Melhoramentos e novos projetos necessários ao Asilo

1 — Pavilhão para aleijados e paralíticos;
2 — Pavilhão para doentes e enfermaria;
3 — Pavilhão para débeis mentais;
4 — Lares separados para crianças pequenas;
5 — Sala especial para Jardim da Infância;
6 — Escola profissional para rapazes;
7 — Novas e maiores instalações sanitárias;
8 — Água encanada para tôdas as dependências do Asilo;
9 — Ligação com a rêde elétrica do Estado;

Isto seriam projetos para novas construções, as mais necessárias, sem falar nas outras melhorias desejáveis. Um dos problemas mais cruciantes é a falta de pessoal auxiliar especializado, como enfermeiros, zeladores etc. Seria ótimo, se houvesse moços ou moças que sacrificariam um ou meio ano para ajudar no Asilo. Definitivamente o problema só será resolvido, quando tivermos, anexo à esta instituição, uma escola de diáconos. Falta uma educadora para as meninas. As fontes de rendas, além de necessitarem ser aumentadas, precisam ser mais regulares. A criação de gado, a lavoura, os pomares, as hortas, tudo isto com a ajuda de mais pessoal e mais máquinas poderá ser mais explorado. Enfim poder-se-ia fazer um filme — 16 mm — para tornar mais conhecido o trabalho que no Asilo se realiza.

4) Doações necessárias

E' verdade que as nossas Comunidades já há muito vêm apoiando, com suas doações, o Asilo. E' preciso que esta corrente de caridade não cesse, mas aumente, porque os objetos enviados são gastos em pouco tempo. O que de momento mais nos pediam era o seguinte:

1 — móveis para os quartos dos velhos (armários, cadeiras, mesas, prateleiras);
2 — camas e colchões (para substituir os antigos);
3 — panelas e panelões;
4 — talheres bons e duráveis, conchas etc.;
5 — Saponáceo; bombril; sabão e sabonetes;
6 — Jarros para água, para o lavatório;
7 — Gaze, algodão para ataduras, material para curativos e remédios rotineiros;
8 — Pomadas, desinfetantes, pós antisépticos;

Isto naturalmente ao lado das doações usuais. Mas vejamos agora o que a Juventude fêz no Asilo.

O trabalho da J. E. no Asilo

Quem sai da cozinha do casarão de Pella e quer descer até ao trapiche do rio Taquari, tem diante de si uma rampa íngreme, lugar que convida para ali lançar tôda a espécie de lixo. Para aproveitar esta rampa foi preciso nivela-la em terraços cujos muros são feitos de leivas de grama do campo, o que deu um aspecto mais limpo, além de oferecer lugar para um belo pomar. E' o que nós fizemos. Uma turma carreteava leivas, outra nivelava a terra e outra construia as rampas de leivas. Ali muita moça aguentou mais na picareta ou na pá que algum representante do sexo forte. Mas de modo geral a cooperação foi ótima. Além dêste trabalho tínhamos uma turma da cozinha e uma da faxina, revezando-se as equipes diàriamente.

Mas também se estudou... O trabalho manual ia das 6,30 da manhã até às 11 hs. À tarde das 16,30 hs. sempre havia um tema de estudo, por ex.: O sentido da vida — O estudo biblico nos grupos — Um estudo biblico: O filho pródigo, ou Os talentos — As publicações da J. E. — Problemas da mocidade — A oração. Cada dia houve oracão matutina (6 hs.) e vespertina (19 hs.) lidas por um dos acampantes.

Também à mesa em cada refeição, um dos acampamentos fazia a oração. Cada acampamento foi encerrado com um culto e celebração da Santa Ceia.

...**e houve muita alegria:** Os banhos às 11 hs. e às 18 hs. sempre eram uma festa, apesar do rio alto e sujo. O passeio ao luar até o matinho da Páscoa era um sonho, os passeios pelo campo, mesmo abaixo de chuva, as serenatas então, nem se fala. Tinha gente que começava a cantar de manhã e só parava para rezar, comer ou dormir. Tôdas as noites havia um programa recreativo com jogos, cantos ou projeções. A primeira turma aproveitou o tempo para ensaiar uma peça biblica: O tostão perdido, que foi apresentado no último dia.



Que ficou?

Não sòmente uma lembrança de férias diferentes e bem aproveitadas, mas conhecimentos úteis ao trabalho nos grupos, disposição maior a seguir no trabalho evangélico onde quer que seja, e algumas resoluções. No Asilo puseram uma **casa à disposição da Juventude.** Vamos arrumá-la, pôr o soalho, janelas, fôrro, beliches com 16 camas, uma mesa, pequeno fogão à querozene. Tudo isto e ainda temos que receber presentes. Quem cuida dêste assunto é Rolf Sporket Cx. Postal 206, Novo Hamburgo. Depois os grupos poderão visitar o Asilo nos fins de semana ou feriados e aproveitar o dia para dar uma mão lá. Além disto a Juventude de todo o Rio Grande quer realizar a **coleta de «Cr$ 1,00 para o Asilo».** A experiência feita com êste acampamento foi tão positiva que todos os participantes sugeriram que em julho próximo se fizesse outro semelhante. Isto será possível, logo que tivermos um Pastor que disponha de tempo e vontade para organizá-lo.

Fotos e texto de **G. Boll**

CORRESPONDÊNCIA

A respeito do primeiro número de nossa revista, publicado êste ano, recebemos uma carta do leitor Rolf Sporket. Abaixo a transcrevemos, integralmente, porque gostamos de saber o que os nossos leitores pensam a respeito da J. E. — mesmo que não nos seja favorável — e também porque queremos que os demais conheçam a opinião de uns e outros.

Temos em mãos, até que enfim!, o primeiro número da Revista da Juventude Evangélica. Sem dúvida alguma ela melhorou muito, faltando isto ou aquilo em que se refere ao conteúdo. Não é a isto que me quero referir na presente, mas um assunto muito deplorável nesta nossa Revista: o ATRAZO.

Em nome de todos os assinantes e como representante Provincial venho a protestar junto a esta Redação pelo atrazo da nossa Revista. Será que não é possível ela sair com mais pontualidade? .Tivestes 2 ou mais meses para preparar êste primeiro número e o que acontece? — A velha história do atrazo! Venho martelando nesta tecla já há muito tempo, sem resultado, vendo-me forçado a fazê-lo mais uma vez por este meio. Em visita aos grupos sempre a mesma reclamação: o atrazo da Revista e da «Mitarbeiterhilfe» outro pomo de discórdia. Recebemos o nº 1, de março de 1959 aqui em Novo Hamburgo, no dia 8 de abril! Acham certo isso? Eu não, nem ninguém. Será que tem cabimento que o pessoal lá da Serra, Ijuí, Santa Rosa, nem falando de Santa Catarina e resto, recebem sua Revista com um, um mês e meio de atrazo? No entanto assim o é. Êles querendo tomar parte de um concurso ou equivalente, não o podem porque o prazo já terminou. Não me venham com desculpas disto ou daquilo, o que falta a meu ver é a organização, esta palavra que muitos acham desnecessária, a ignoram por não querer ouvi-la, que no entanto é necessária para ter ordem e um andamento certo. A Revista deveria estar pronta no mínimo 15 dias antes da data de saída, tal como acontece com a Folha Dominical, para que os grupos distantes também a recebam pontualmente. Vocês lá em Pôrto Alegre não sabem o que se passa no interior, onde as comunicações são difíceis e demoradas. Não ouvem as queixas contra a demora porque ninguém as faz por escrito. Gostaria que fizessem visitas aos grupos do interior para ver o que é bom. A gente prometeu que com o novo ano ia melhorar o estado de coisas e... tudo no velho, o mesmo atrazo.

Nada mais tenho e temos contra a Revista, pelo contrário, estamos sempre dispostos a colaborar, de qualquer forma, sendo fazendo propaganda ou conseguindo novos assinantes.

Aproveito a oportunidade de comunicar que Novo Hamburgo já conseguiu 22 novas assinaturas, aparecendo a Revista numa banca para a venda avulsa.
Sem outro motivo e fazendo votos que a coisa melhore subscrevo-me.

Atenciosamente.

(Ass.) Rolf Sporket

Realmente o leitor tem razão. O atrazo continua apesar de todos os nossos esforços. Não daremos desculpas, que o leitor não quer, mas fazemos uma sugestão, que é ao mesmo tempo um pedido, e que se estende igualmente a todos os leitores: mande a sua colaboração e peça as dos seus companheiros de grupos. Vocês não sabem o quanto nos é preciosa tôda e qualquer cooperação. Para dar uma idéia do que afirmamos, basta dizer que uma colaboração pode evitar um atraso da revista porque poderá substituir um artigo prometido e que a pessoa que ficou de escrever, por uma razão ou outra, não pode mandar dentro do prazo certo. Aceitamos a crítica do leitor, que pode ficar absolutamente convencido de que êste é justamente um dos pontos pelos quais mais estamos batalhando.

Após 30 anos de paganismo

LIN YUTANG ABRAÇA O CRISTIANISMO

O célebre escritor e pensador chinês Lin Yutang, autor de «O Portão Vermelho», «A Importância de Viver», «Momento em Pekin, «A sabedoria da «América», «A Sabedoria da China e da Índia», «Uma Fôlha na Tempestade». «Minha Terra, Meu Povo», «O Sábio Jovial», «Com Amor e Ironia», «A Deusa de Jade», além de inúmeros ensaios, crônicas e contos, acaba de converter-se ao cristianismo.

A notícia nos chega de New York, através de um artigo de jornal em que se lê que o filósofo abraçou o cristianismo depois de 30 anos de paganismo por se haver convencido de que o cristianismo é a única influência civilizadora capaz de salvar o mundo.

Lin Yutang tornou-se famoso no mundo ocidental por seu livro «A Importância de Viver», publicado em meados de 1937, em que explicou as razões pela qual se deve viver. Disse então que era necessária muita coragem para não ser crente, porque o pagão vive neste mundo como um órfão, enquanto que o crente desfruta do sentimento consolador de que há sempre no céu alguém que se preocupa com êle e que o atenderá, desde que se estabeleça essa relação espiritual que se denomina oração.

Durante 30 anos — diz Lin Yutang — conformei-me em seguir as regras da humanidade. Muitos homens o fazem. Agem conforme a razão. Entretanto tenho observado que a medida que o materialismo avança e que se debilita a fé em Deus, o mundo vai-se tornando pior. Agora prevalece uma espécie de cinismo moral, que marcha ombro a ombro com o materialismo. Quando um homem não teme a Deus, seu único fim é o êxito material e o poder. Não há freio, para a humanidade. Estamos muito perto dos selvagens, muito perto, apesar de todos os progressos. A moral está se deteriorando por causa do materialismo. Por isso, o humanismo chegou a me desgostar. Acho que o humanismo, — continua o filósofo chinês — não basta. Acredito que minha posição é semelhante, essencialmente, a de muita gente que pensa. Por isso me converti. Minha conversão significa que me afastei do paganismo e redescobri os ensinamentos de Jesus. Ai temos a luz do mundo. Embora tenha abandonado a Igreja há 30 anos, nunca deixei de ser religioso e crente em Deus.

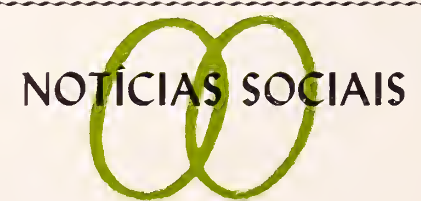
A conversão de Lin, segundo o próprio filósofo, deve-se ao dr. David Reed, pastor da Igreja Presbiteriana, da Avenida Madison, New York, a qual pertence agora o filósofo, bem como sua espôsa.

O que vai pela serra:

J. E. de Ocearu excursiona para Herval Sêco

Éramos ao todo 52, dispostos a apresentar teatro e números de côro. E a disposição de apresentar boa coisa fêz com que nos mantivéssemos em quase absoluto silêncio durante a viagem de ônibus, para não estragar a voz . . . A J. E. de Herval Sêco esperou-nos antes do distrito, para que fôssemos visitar a Hidroelétrica de Guarita. Isso facilitou o contato com os membros da J. E. visitada, pois enquanto admirávamos a obra, íamos conversando. Em Herval Sêco fomos gentilmente hospedados pelos membros da paróquia. Depois ,a arrumação do palco. Foram duas as comédias apresentadas: «Quem manda em casa» e «Zweierlei Gold». Além dos números de Côro, houve a dupla de violeiros-cantores «Irmãos Neher», que não pode ser esquecida. Parece que essa noitada fechou com chave de ouro o sábado. O domingo chuvoso estragou muitas fatiotas e aumentou e selou muitas amizades. À noite, cinema e reunião dançante. Segunda-feira, a partida. Muita tristeza e nenhuma chuva. Mas a estrada barrenta forçou-nos a darmos uma mãozinha, freqüentemente, para tirar o ônibus das valetas. Culminou a série de tatus a quebra de uma peça. Ficamos no meio do campo até recebermos auxílio de outro ônibus. Em Palmeira, trocamos de veículo e conseguimos chegar de volta a Ocearu. Queremos aqui agradecer a todos os que colaboraram para o êxito da excursão. Ao Pastor Junge, de Herval Sêco, à J. E. e aos que nos acolheram tão atenciosamente, nosso muito obrigado. E convidamos desde já a J. E. de Herval Sêco para que nos visite também, possibilitando-nos retribuir as atenções que nos foram dispensadas.

Geraldo Nesio Wagner



NOTÍCIAS SOCIAIS

NOIVADOS

Contrataram casamento:

Sr. Godofredo Guilherme Boll, Pastor da Igreja Evangélica Luterana de Tristeza e a srta. Ruth Margarit Wollheim, professôra do Colégio Sinodal;

Sr. Ewald Froehner, ex-presidente da Juventude Evangélica de Lontras, e a srta. Elvira Baukem, também membro da referida Juventude.

CASAMENTOS

Contrairam matrimônio:

Sr. Arno João Hagemann, da J.E. Arroio Tigre e a srta. Ronilda Faber. Itaúba, Sobradinho;

O GAROTO E A MOÇA



O nome do menino é Fernando e o da jovem é Laurinha. Fernando mora no asilo e assim como êle, muitos outros. E Laurinha foi uma das moças, que foram levar seu auxílio a essas crianças, participando do II Acampamento de Trabalho da Juventude Evangélica.

O QUE EU NÃO FIZ

De um ensaio denominado «Yupuwei Chai», ou «Estudo do que não fiz», que se encontra juntamente com outras crônicas na obra «Com Amor e Ironia», de autoria de Lin Yutang, transcrevemos abaixo alguns trechos nos quais o leitor perceberá a verve e o humor do grande escritor chinês, recentemente convertido ao cristianismo.

Diz êle, explicando o porquê de tal título, que «o homem que recusa fazer muitas coisas é aquêle que pode fazer alguma coisa». Diz ainda que pode pedir a Deus perdão de muitas coisas que fez, mas na realidade, as suas grandes qualidades, que podem levá-lo ao céu, são constituidas por aquilo que não fez. Eis ai algumas delas:

«Nunca pedi um só autógrafo».

«Nunca pude recitar o testamento do dr. Sun Yatsen, nem pude impedir que o meu espírito vagasse durante os três minutos oficiais de veneração silenciosa».

«Nunca apareci em traje estranjeiro como presidente de uma assembléia para o desenvolvimento dos artigos nacionais, nem fui de limousine a uma reunião atlética afim de estimular o desporto».

«Nem pensei jamais coisa alguma das pessoas que fazem essas tolices».

«Tenho aversão ao esfôrço físico e nunca fui equilibrista; nem dei nunca uma cambalhota, física, espiritual ou política. Nem sequer posso dizer de que lado sopra o vento».

(Continua na pág. 6)

ASILO DE VELHAS

Na oportunidade em que publicamos uma reportagem que tem por local um asilo, o de Pella e Bethania, transcrevemos uma bela página de autoria da conhecida cronista **Lasinha Luiz Carlos**, que se intitula precisamente «Asilo de Velhas».

«Ali estão esquentando-se no sol de inverno, plácidas e sem pressa, a dizer uma frase daqui, outra dali, a esmo apenas para se sentirem viver. Perto, o casarão grande e sóbrio do asilo que as recolheu. Procuram umas, junto às outras, o calor da presença humana, a solidariedade vaga e informe dos seres que o sofrimento devastou. Velhinhas, encarquilhadas, envoltas em chales, aproveitando a quentura passageira da hora, uma ou outra mão, com o desenho nítido dos rios azuis das veias, desfia distraidamente um rosário grosseiro. As rugas fundas como caminhos aonde o sol não chega, tôdas curvadinhas, já tombadas para o chão que parece chamá-las, ei-las, as boas velhinhas, em conversa no jardim.

Parecem rosas murchas num missal. Como ali vieram parar? Ai! quem pode saber? Lembram um cofre de chaves guardadas, aberto ao olhar curioso do sol. Uma dessas caixas onde se guardam chaves velhas, imprestáveis, de feitios e tamanhos diferentes, que já nem se sabe em que fechaduras serviram, e como ali foram parar .Chaves que já não podem abrir nenhum cofre, desvendar nenhum mistério. Ali estão elas como chaves perdidas, cada uma com o seu segredo.

O interessante, nesse grupo de velhinhas à margem da vida, no limiar da grande passagem, é ver como a fantasia nelas impera e como a verdade recua diante da invasão dos fatos imaginários. Muito difícil é captar o verdadeiro, nêsse mar inocente de mentiras. O que elas se contam umas às outras quase sempre foge à amarga realidade. Gostam de fantasiar, de imaginar fatos que nunca se deram, são as heroinas de tremendos romances que vão desenrolando diante das outras, para a sensação do círculo. Quando há um novo elemento no grupo, é que surgem os emocionantes relatos, é que as tragédias vão chegando em fiapos, aos bocados, quase sem ligação. Depois, conhecem-se já muito, nada mais resta para contar. A própria imaginação se cansa e já não forja aventuras para gáudio da companhia. Cai tudo numa estagnação morna, numa apatia flutuante entre o ser e o não ser. As velhinhas se calam ao sol. Na verdade, dentro delas mesmas confundem a realidade com a fantasia. Chegam a se convencer a si próprias que o que relataram foi verdadeiro. Onde termina a ficção e começa o real? Muito sutil essa linha de divisão que já quase não divide.

Essas rendeiras da mentira tecem com os bilros trêmulos da palavra o que poderia ter existido. Uma há que fala de personagem imaginária, herói com tôdas as qualidades e virtudes humanas. No íntimo, ela se admira um pouco do que conta e já não sabe bem se o príncipe existiu mesmo. Outra — caso pior — esqueceu o príncipe que existiu realmente, que foi de carne e osso, que a amou e se foi. Tais foram os solavancos por ela sofridos, tais as perplexidades de sua pobre alma, que o olvido estendeu sôbre ela o seu manto piedoso e ela descansa, apenas, mansamente, ao sol.

Há as que preferem silenciar sôbre um passado inconfessável.

E o sol, em muda coroação, coloca sôbre aquelas alvas cabeças, no esplendor da hora, coroas de luminosidade, tornando-as rainhas do sofrimento».

TRÊS ITENS PARA O LEITOR CONSIDERAR

— COMO VAI A «CAMPANHA DA ASSINATURA» EM SEU GRUPO?

— QUANTAS ASSINATURAS NOVAS VOCÊ JÁ CONSEGUIU?

— QUAIS SÃO AS ATIVIDADES E O QUE HÁ DE NOVO EM SEU GRUPO?

ESCREVA-NOS CONTANDO TUDO O QUE OCORRE E MANDE-NOS TAMBÉM A SUA COLABORAÇÃO.

Canção do Pequeno Cardíaco

JULES LAFORGUE

Foi de uma doença do coração
Que mamãe morreu, disse o doutor,
E que eu hei de ir lá onde ela está
Para dormir junto dela.
Escuto meu coração batendo,
É mamãe que me chama!

Todos riem de mim nas ruas,
Dos meus jeitos desengonçados;
Pareço um menino bêbedo.
Meu Deus! É que o ar me falta,
Tenho mêdo de cair.
Escuto meu coração batendo,
É mamãe que me chama!

Às vêzes vou pelos campos
Na hora do fim do dia
E choro, choro,
E o sol, não sei porque,
Me parece um coração aceso.
Escuto meu coração batendo,
E' mamãe que chama!

Ah! se a vizinha Genoveva
Quisesse o meu coração...
Ah, se ela quisesse!
Ela é cor de rosa, alegre, bonita.
Escuto meu coração batendo,
É mamãe que me chama!

Sim, todo mundo é mau,
Menos o sol no poente
E mamãe,
E eu quero ir lá onde ela está
Dormir junto dela.
Meu coração bate, bate...
Mamãe, és tu que estás me chamando?

(Trad. de Álvaro Moreyra)

SUMÁRIO

Nomes — Não algarismos
Conheça êsse homem: Steward Herman
Escreve o leitor: A pena de morte
Sputnik e Deus
Acampamento de Trabalho
Correspondência
Lin Yutang abraça o Cristianismo
O que vai pela Serra
Notícias Sociais
O que eu não fiz
Asilo de Velhas
Canção do Pequeno Cardíaco

Temário para o próximo Número :

Maio — Tema de fundo: Criação e evolução; do macaco ao homem
Conheça essa mulher: Diaconisa Jahn

Junho — Tema de fundo: Deus, Senhor da História; Destino e Deus
Conheça êsse homem: Th. Dietschi

Órgão mensal da Juventude Evangélica da Igreja Evangélica de confissão luterana no Brasil.

Impresso na «Emprêsa Gráfica Metrópole S. A.» — Pôrto Alegre

Encomendas e Pagamentos: Centro de Impressos do Sínodo Riograndense, São Leopoldo, Caixa Postal 14.

Diretor responsável: P. Karl Gottschald

Redator Chefe: Pastor G. Ball

Redação: Ingeborg Folz, Rua Senhor dos Passos, 190, Pôrto Alegre, RS

Deutscher Teil: Pastor Jahn, Sobradinho, RS.

Assinatura por Ano: Cr$ 70,00 — Número avulso Cr$ 10,00

STERN / STAUB / STRASSE

Wisst Ihr eigentlich, dass wir morgen ganz woanders sein werden als heute?
Der ganze Kreis sah halb erstaunt, halb belustigt auf unsern «Studenten». Gewiss, Eraldo wird morgen wieder nach Porto Alegre fahren und verabschiedet sich also mit Witzen von seinen Freunden!
Aber ganz im Ernst! beteuert er. Ihr werdet morgen viel weiter weg von hier sein, als PôrtoAlegre von uns entfernt ist.
Entrüstet, empört schreit die Meute: Wieso?
Ihr sitzt doch auf dem schnellsten Auto der Erde!
Willst du uns zum Besten halten? Die schnellsten Autos der Erde fahren mit 400 km pro Stunde über den Salzsee in Nordamerika.
Ist doch nichts, ist wie eine Schnecke! meint Eraldo.
Die schnellsten Flugzeuge schaffen 3000 km die Stunde.
Das lass ich mir gefallen — am Tag 72000 km, sagt Eraldo. Aber wir werden morgen um die Zeit 2000000 km weiter sein.
Mit einem hörbaren «knack» riss uns der Geduldsfaden. Die Stimmung wurde drohend.
Ihr könnt mich ruhig leben lassen! Morgen um diese Zeit hat die ganze Erde, das schnellste Fahrzeug hier, ihre 2 Millionen Kilometer hinter sich gebracht auf ihrer Fahrt um die Sonne. Und ihr hoffentlich alle mit!
Jetzt war es heraus, und unsere Faeuste lockerten sich wieder. Eraldo kam immer mehr in Fahrt. Wir wollten nun nicht aufhören; wir verlangten noch mehr

Zahlen.

Da ist zunaechst der Mond. Jeder kennt ihn und sieht ihn alltaeglich oder besser allnaechtlich.
«Guter Mond, du gehst so stille», brummt einer.
Irrtum! faehrt Eraldo auf. Nichts ist mit «stille». Der Kerl ist mit uns ziemlich rasch unterwegs, mit der Erde, deren erster Satellit er ist, noch bevor die kleinen Metallkugeln der Russen und Amerikaner da irgendwo in 10.000 km Höhe kreisten. Er schiesst mit uns 2.000.000 km am Tag durch den Weltraum, und dazu faehrt er ja noch rund um die Erde; da er 384.000 km von uns weg ist, muss er sich ganz schön sputen, um in 24 Stunden herumzukommen. Ein Glück, dass die Erde ihn festhaelt, sonst würde er schon laengst eine Weltreise auf eigne Faust unternommen haben, wie die letzte russische Rakete, und keiner könnte mehr von der Erde aus die Mondkaelber sehn.
Eigentlich waere nun eine gemeinsame Strafe faellig gewesen, aber wir waren so interessiert, dass wir die letzte Bemerkung überhörten. Und die Sterne? fragte einer.
Der naechste grosse Fixstern ist 150 Millionen km von uns entfernt, und um diesen drehen sich Erde, Mond und Mars und alle Planeten; ohne sein Licht und seine Waerme waere kein Leben auf dieser Erde möglich.
Du meinst wohl die Sonne?
Ganz genau! Sie ist in Wirklichkeit einer unter vielen grossen Fixsternen. Acht und eine halbe Minute braucht das Sonnenlicht bis zu uns.
Wieso? Wenn es dort brennt, sehen wir es doch hier?!
Nein, auch das Licht hat eine Geschwindigkeit. In der Sekunde jagt es 300.000 km, also acht mal um den Erdball herum. Von der Sonne bis zu uns braucht es acht Minuten. Das Licht, das wir Uhr 10 sehen, schickt Mutter Sonne 9 Uhr 52 los.
Aber ihr wollt noch mehr von den Sternen wissen. Wir und unsere Sonne gehören zu

einer grossen Scheibe in Form einer Linse, in der es noch viele andere solche Sonnen mit Erden und Planeten und ihren Monden gibt. Die naechste derartige Sonne ist drei einhalb Lichtjahre von uns entfernt. Sie heisst Alfe Centauri.
Was ist ein Lichtjahr?
Das Licht durchjagt in der Sekunde 300.000 km, in der Minute also 60 mal so viel, am Tage 24 mal 60 mal, im Jahr 365 lang. Lichtjahr heisst die Strecke, die das Licht als schnellste bekannte Bewegung in einem Jahr durchlaufen kann.
Muss ne ganz schöne Zahl geben!
Es sind 9.467.077.800.000 km, aufgerundet eine einst mit 13 Nullen!
Aber neben diesem Nachbarstern Alfa Centauri gibt es noch rund 100.000.000.000 Sterne von der Grösse unserer Sonne in der grossen Linse, zu der wir gehören und die wir Milchstrasse nennen.
Ach, das ist der feine Schleier am Himmel?
Kein Schleier — das sind Millionen von Sternen um uns herum, viele Male grösser als die Erde. Unsere Milchstrasse ist eine Scheibe aus lauter solchen Sternen, um diese Scheibe ist 16.000 Lichtjahre dick und rund 99.000 Lichtjahre breit, das sind fast 1.000.000.000.000.000.000 km.
Wenn man sich das überlegt: das Licht kann von Sternen kommen, die es vor Hunderten von Jahren ausschickten und heut vielleicht verschwunden sind?
Eraldo antwortet: Es gibt zwar erloschene Sterne, die wir heute noch sehn, obwohl sie aufgehört haben zu leuchten, aber «verschwinden» können sie nicht
Kinder, ist die Welt gross! stöhnt Klaus.
Das reizt Eraldo erneut: Du kommst mir vor wie eine Fliege, die auf einem Kaese sitzt und sagt: was für eine grosse Sache! denn sie kann nicht drüber weg schauen. Die Welt ist noch viel-mal grösser als unsere Milchstrasse. In den grossen Fernrohren sieht man Sternhaufen wie dünne Lichternebel, die in Wirklichkeit ebensolche Milchstrassen sind, riesige Stern-Welten-Versammlungen. Die fernste von ihnen, soweit Menschen sie beobachtet haben, sind 500.000.000 Lichtjahre weg von uns, oder in Metern eine fünf mit 24 Nullen! Und die Forscher rechnen, dass die «Welt» über die Grenzen unsrer heutigen Fernrohre hinaus noch sechsmal grösser ist, 3 Millionen Lichtjahre.
Einem draengt sich das Wort aus der Bibelstunde auf «Was ist der Mensch, dass du sein gedenkst?» Und Eraldo greift es auf: Mittendrin steht der Mensch. Sein Körper besteht aus

Zellen,

30.000.000 Zellen. Aber diese Zellen bestehen selbst wieder aus vielen, unvorstellbar kleinen Teilchen, aus Atomen und Molekülen. Die kleinste von Menschen gemessene Laenge — oder Kürze — ist 0,000.000.000.000 1 cm. Die Atomkerne sind schon zehnmal grösser. Ein ganzes Atom ist wiederum 10.000 mal grösser als sein Kern, um den sogenannte Protonen und Neutronnen herumsausen. Eigentlich ist unser Körper selbst eine ganze Wunderwelt, unter dem Mikroskop ein riesiges Durcheinander sich jagender kleinster Teilchen. Ein Wassertropfen enthaelt z. B. mehr Moleküle, als der ganze Amazonas Wassertropfen!
Trotzdem ist es kein Durcheinander. Wenn wir sagen: Herr, wie sind deine Werke so gross und viel, dann können wir hinzufügen: wie sind deine Werke so klein und unzaehlbar, aber alles hast du weislich geordnet. Die ganze Welt im Grossen der Sternenheere und im Kleinen der Zellteilchen gehorcht dem Gesetz Gottes, der sie schuf.
Ich denke, wer in der Natur forscht, glaubt nicht mehr an die Schöpfung und den Schöpfer, an Gott? fragt einer dazwischen.
Es war einmal so. Inzwischen haben viele Naturforscher gemerkt, dass ihre Weisheiten nicht für Gott, aber noch weniger gegen Gott sprechen Gott steht ausserhalb der

Forschung, oder besser: er steht dahinter. Viele stehen staunend vor den grossen Zahlen des Universums und den kleinen Wundern in Staub und Wassertropfen und sagen wie Wir waren alle recht still geworden. Das alles heisst es, wenn wir sagen mit vielen Millionen Grossen und Kleinen, Forschern und Arbeitern, Dichtern und Bauern: Ich glaube, dass mich Gott geschaffen hat samt allen Kreaturen.

Aber haben die Sterne nicht Einfluss und Macht auf die Menschen? Was steht denn in den Zeitungen? fragt Karl.

Rudolf lacht: Otto ist kürzlich schwer hereingefallen. Er hat in der Zeitung gelesen, dass für Leute, die im Sternbild Krebs geboren sind, am vorigen Samstag ein gefaehrlicher Tag waere, wo bei Unaufmerksamkeit Unfaelle passieren können.

Einer rief: Und ist doch passiert!

Rudolf antwortet: Jawohl. Er hat den ganzen Tag bloss das Horoskop im Kopf gehabt, diese dumme Voraussage — wo man nicht aufpasst, können jeden Tag Unfaelle passieren — und er hat gut aufgepasst. Den ganzen Tag überlegt er, wie er den Unfall vermeiden könnte. Plötzlich sieht er fern ein Auto kommen; aus Angst vor dem Unfall springt er übereifrig zur Seite, noch ehe der Karren nahe ist, gleitet aus am Strassenrand, rutscht in den Graben und bricht den Arm!

Das waren nicht die Sterne, das war seine dumme Amgst und sein Aberglaube! rufen alle durcheinander.

Dann sind wir am Ziel, laechelt Eraldo. Die Sterne sind Werke Gottes, Kreaturen wie wir, ohne Einfluss auf unser Leben. Früher hat man sie verehrt und über den Geschöpfen den Schöpfer vergessen, wie heut die Sternen — glaeubigen in den Zeitungen.

Jeder von uns muss seine Strasse gehn zwischen Stern und Staub, aber vor dem Auge Gottes, der allein über Zahlen, Zellen und Zeiten steht, ewig, unendlich. allwissend-allmaechtig.

Einer sagt: Wir lernten im Unterricht: Gottes Allmacht ist, dass Er alles machte und macht.

Das mag grammattisch nicht stimmen. Jedenfalls ist uns wieder einmal deutlich geworden, was Mathias Claudius von Stern und Staub und von der Strasse unsres Menschenlebens gesagt hat:

> Der Mensch lebt und bestehet nur eine kleine Zeit,
> Und alle Welt vergehet mit ihrer Herrlichkeit.
> Es ist nur Einer ewig und an allen Enden,
> Und wir in Seinen Haenden.

der Psalmsaenger: Was ist der Mensch, dass du sein gedenkst?

Noch einer fragt: Aber die Bibel?

Ich meine, antwortet Eraldo, die Bibel redet wie die modernen Forscher von

Zeiten.

Im Anfang aller Zeiten hat Gott alles geschaffen. Wann dieser Anfang war, steht nirgendwo in der Bibel. Denn Gott gab den Menschen ausser dem Bibelbuch das grosse Bilderbuch und Geschichtsbuch der Erde, damit sie darin forschen.

«Macht euch die Erde untertan», fügt einer ein.

Gewiss! Nun schlagen wir dies Buch unsrer Erde auf. Die Erde zeigt uns den Ablauf der Geschichte in ihren Zeitlaeufen. Die moderne Wissenschaft weiss: die ganze Welt gehört in die Geschichte. Die Welt ist nicht ewig, sie hat Anfang und Ende. Jede Stunde ist nur einmal.

Wie kann man Erdgeschichte lesen?

Was vor 10 Jahren war, daran können wir uns selbst noch erinnern. Vor 20 Jahren begann der grosse Weltkrieg. Vor 100 Jahren war Brasilien noch Koiserreich. Vor 1000 Jahren begannen die europaeischen Staaten ,sich zu formieren. Vor fast 2000 Jahren

lebte Christus. Vor 3000 Jahren in der sogenannten Bronzezeit wurden die ersten Bücher geschrieben von Mose und David, von Homer und alten Königen. Vor 5000 Jahren in der Steinzeit entstanden die grossen Bauwerke der Pyramiden. Vor 10.000 Jahren endete die Eizeit, die weite Teile der Erde mit Eis bedeckte. Vor 100.000 Jahren lebten die ersten «Menschen», die mit uns geschiniegelten Bürgern des 20. Jahrhunderts nicht allzuviel Aehnlichkeiten hatten. Vor 10.000.000 Jahren entstanden die grossen Gebirge, vor 50.000.000 Jahren flogen die ersten Vögel, vor 500 Millionen Jahren gab es wohl das erste Leben auf der Erde. Die ältesten Gesteine verraten, dass die Erde selbst (und vielleicht das ganze Weltall mit seinen 3 Milliarden Lichtjahren Ausdehnung) nur wenig über 3.000.000.000 Jahre alt ist. Das alles fanden die Forscher aus Gesteinen und Gestalt der Erde, aus Atomen und ihren Strahlungen, so schrieb Gott das Geschichtsbuch der Erde.

OSTERSPIEL IN FILADELFIA

Um Mitternacht des Ostertages feiert die russisch-rechtgläubige Kirche die Auferstehung mit einer langen, feierlichen Liturgie. Als Verwundeter habe ich das im Krieg einmal miterlebt:

Die ganze Gemeinde zieht zuerst mit brennenden Kerzen um die Kirche und dann hinein zur Liturgie. Man stelle sich den Reichtum der brennenden Lichter vor, wie er dort üblich ist! Vor dem Altar beten und lesen die Priester. Die Zeit wird einem lang, wenn man nichts versteht, denn die Liturgie ist für unsre Begriffe endlos. Plötzlich, eine Minute vor zwölf, geschieht etwas...

Draussen hört man Stimmen, immer erregter werden sie. Drei laute Schlaege donnern an die eisen-beschlagene Tür der Kirche, dann wird sie aufgerissen und herein schallt laut ein Ruf, ein Schrei: Christus ist auferstanden!

Dieser Ruf wird am Altar aufgenommen, geht von Mund zu Mund wie eine Welle durch die ganze Gemeinde; die Russen fielen sich in die Arme und küssten einander auf die Wange zum Zeichen der Brüderlichkeit.

Bei uns sind andere Menschen und andere Sitten als in Russland. Darum haben wir das Schöne des Brauches übernommen, die Formen aber geaendert.

Statt der Lichter- Prozession ziehen bei uns die Chöre und Spieler in die Kirche ein, geleitet von Fackeltraegern; die Spieler und Saenger tragen Kerzen und sind einfarbig rot, gelb, grün und blau gekleidet.

An die Stelle der Liturgie tritt das Spiel, das wir aus Worten der Heiligen Schrift zusammengesetzt haben und in dichterische Form gekleidet. Chöre und Einzelsaenger werden eingestreut.

Auch das Klopfen an der Tür wurde umgeaendert in ein dumpfes Gong-Schlagen, worauf die Tür aufgerissen wird und der sich fortpflanzende Ruf «Christus ist auferstanden» hineingerufen wird. Der Chor nimmt ihn auf und wiederholt ihn, bis er schliesslich einsetzt «Christ ist erstanden von der Marter alle».

Das Ganze spielt sich bei uns nicht um Mitternacht ab, sondern um halb neun Uhr am Abend vor Ostern, wie es die günstigste Zeit für unsre Stadte und Dörfer ist. So haben wir den Brauch übernommen, die Osternacht festlich zu begehen, aber in unsere Formen umgegossen.

P. Denstaedt
Filadelfia
via Piratuba S.C.

DER SCHÖNSTE BERUF

Das Wort Beruf haengt mit «Rufen» zusammen, und so ist der Beruf nichts anderes, als ein Gerufenwerden zu einem Dienst und Auftrag. Wer ruft uns? Unsere innere Stimme, sagen wir. Aber ist es nicht Gott selbst, der zu uns spricht und uns an sein Werk ruft? Bei allen materiellen Überlegungen dürfen wir doch diese Stimme nicht überhören, die uns an die rechte Stelle ruft — hast du schön gehört?

Unser Leben ist eine Antwort auf den Ruf, der an uns ergeht. Darum brauchen wir uns nicht zu fürchten. Wir müssen wohl nein sagen zu unsern eignen Plaenen und unserm eignen Ich — aber dann ist der Weg frei zum Dienst am Naechsten — und dieser Weg ist zugleich ein Weg zur Freude! Denn wer nicht mehr sich selbst lebt und sich um sich selbst dreht, gehört zu den gesegneten und fröhlichen Leuten. Uns jungen Menschen darf es schon klar werden, dass wir nicht um unserer selbst willen da sind. **Erfüllt** ist ein Leben, wenn es nicht für sich selbst gelebt wird. Darum ist unser Schwesternberuf ein schöner Beruf.

Diakonisse Erena W.

